

# PRINCÍPIO



## A CARTA

Era Novembro. Embora ainda não fosse tarde, o céu estava negro quando entrei na Laundress Passage. O Pai já dera o dia por terminado, apagara as luzes da loja e correra os estores; mas para eu não encontrar a casa às escuras, deixara acesa a luz por cima das escadas que conduziam ao apartamento. Através do vidro da porta, ela projectava um pequeno rectângulo pálido no pavimento molhado, e foi enquanto permanecia nesse rectângulo, prestes a meter a chave à porta, que avistei pela primeira vez a carta. Era outro rectângulo branco, no quinto degrau a partir de baixo, onde não me podia passar despercebida.

Fechei a porta e coloquei a chave da loja no seu sítio habitual, atrás dos *Advanced Principles of Geometry*, de Bailey. Pobre Bailey. Há trinta anos que ninguém pede o seu grosso livro cinzento. Às vezes, pergunto-me o que pensará ele do seu papel de guardião das chaves da livraria. Não creio que fosse esse o destino desejado para a obra-prima que passara duas décadas a escrever.

Uma carta. Para mim. Era quase um acontecimento. O sobrescrito de cantos hirtos, inchado devido ao conteúdo espesso, vinha endereçado numa letra que deveria ter causado alguns problemas ao carteiro. Embora o estilo fosse antiquado, com as suas maiúsculas pesadamente floreadas e arrebiques curvilíneos, a minha primeira impressão foi de que teria sido escrita por uma criança. As letras pareciam indisciplinadas. Os traços desiguais ora se desvaneciam, ora vincavam profundamente o papel. Não havia um sentido de fluidez nas letras que formavam o meu nome. Cada uma delas fora traçada separadamente — M A R G A R E T L E A — como um empreendimento novo e intimidante. Mas eu não conhecia nenhuma criança. Foi então que pensei: «É a mão de um inválido.»

Isso provocou-me uma sensação bizarra. Ontem ou anteontem, enquanto me entregava aos meus afazeres diários, calma e discreta-

mente, uma pessoa desconhecida — um *estranho* — dera-se ao trabalho de apor o meu nome neste sobrescrito. Quem fora que concentrara em mim a sua atenção enquanto eu não suspeitava de nada?

Ainda de casaco e chapéu, sentei-me na escada para ler a carta. (Nunca leio sem ter a certeza de que me encontro numa posição segura. Sou assim desde os sete anos quando, sentada num muro alto a ler *The Water Babies*, fiquei tão seduzida pelas descrições da vida submarina que inconscientemente relaxei os músculos. Em vez de acabar a boiar na água que mentalmente me rodeava com tal nitidez, caí no chão e magoei-me. Ainda hoje sinto a cicatriz debaixo do cabelo. Ler pode ser perigoso.)

Abri a carta e tirei um maço com meia dúzia de páginas, todas escritas na mesma letra laboriosa. Graças ao meu trabalho, possuo experiência da leitura de manuscritos difíceis. Não tem grande segredo. Tudo o que é preciso é paciência e prática. Isso e a vontade de cultivar um olhar interior. Quando se lê um manuscrito que foi danificado por água, fogo, luz ou simplesmente pela passagem dos anos, os olhos têm de estudar não apenas a *forma* das letras, mas também outras marcas de produção. A rapidez da caneta. A pressão da mão sobre a página. Quebras e diminuições na fluidez. Tem de se estar descontraído. De não pensar em nada. Até se acordar num sonho em que somos simultaneamente uma caneta a voar sobre pergaminho e o próprio pergaminho com o toque da tinta a titilar-nos a superfície. Então podemos lê-lo. A intenção do autor, os seus pensamentos, as suas hesitações, os seus anseios e o seu significado. Podemos ler tão claramente como se fôssemos o candeeiro que ilumina a página enquanto a caneta corre sobre ela.

Não que esta carta representasse um desafio tão grande como alguns outros. Começava por um sintético «Miss Lea» e a partir daí os hieróglifos transformavam-se rapidamente em caracteres, depois em palavras e depois em frases.

Eis o que li:

*Dei em tempos uma entrevista ao Banbury Herald. Tenho de a procurar um destes dias, para a biografia. Estranho indivíduo, o que me enviaram. Um rapaz, na realidade. Alto como um homem, mas com o corpo roliço da juventude. Constrangido no seu fato novo. O fato era castanho e feio e adequado a um homem muito mais velho. As bandas, o corte, o tecido, tudo estava errado. Era o género de coisa que uma mãe compraria a um rapaz saído da escola para o seu primeiro emprego, imaginando que o filho crescerá de modo a que ele se lhe adapte. Mas os rapazes não deixam para trás a sua meninice quando despem os uniformes da escola.*

*Havia qualquer coisa nos seus modos. Uma intensidade. No instante em que lhe pousei a vista em cima, pensei: «Ah, o que pretende ele?»*

*Não tenho nada contra as pessoas que amam a verdade. Além do facto de serem companhias aborrecidas. Desde que não comecem a divagar sobre enredos e integridade, como acontece com alguns. Isso, naturalmente, aborrece-me. Mas se me deixarem em paz, não os prejudico.*

*A minha irritação não é contra os amantes da verdade, mas contra a própria verdade. Que auxílio, que consolo existe na verdade, comparada com uma história? De que serve a verdade, à meia-noite, no escuro, quando o vento ruge como um urso na chaminé? Quando os relâmpagos projectam sombras na parede do quarto e a chuva bate na janela com as suas unhas longas? Não. Quando o medo e o frio nos transformam em estátuas na nossa cama, não esperemos que a verdade hirta e descarnada venha a correr em nosso auxílio. Do que precisamos é do conforto nédio de uma história. Da segurança apaziguadora e embaladora de uma mentira.*

*Alguns escritores não gostam de entrevistas, é claro. Irritam-se com elas. «Sempre as mesmas perguntas estafadas», queixam-se eles. Bem, o que é que esperavam? Os repórteres são assalariados. Nós, escritores, somos o artigo genuíno. Lá porque eles fazem sempre as mesmas perguntas, não significa que tenhamos de lhes dar sempre as mesmas respostas estafadas, pois não? Quer dizer, inventar coisas é a nossa maneira de ganhar a vida. Portanto, eu dou dúzias de entrevistas por ano. Centenas no decorrer de uma vida. Porque nunca acreditei que o génio precise de estar fechado longe de vistas para florescer. O meu génio não é uma coisa tão frágil que se retraia perante os dedos sujos dos homens dos jornais.*

*Nos primeiros anos, eles costumavam tentar apanhar-me em falta. Faziam pesquisa, apareciam com um pedacinho de verdade escondida na manga, apresentavam-na num momento oportuno e esperavam que o sobresalto me levasse a revelar mais. Eu tinha de ter cuidado. Conduzi-los para a direcção que queria que eles tomassem, usar um isco para os atrair suavemente, imperceptivelmente, para uma história mais bonita do que aquela que tinham em mente. Uma operação delicada. Os olhos começavam a brilhar-lhes, e iam soltando a pequena lasca de verdade, até ela lhes cair da mão e tombar, ignorada, à beira da estrada. Nunca falhava. Uma boa história é sempre mais fascinante do que um pedaço solto da verdade.*

*Mais tarde, quando me tornei famosa, a entrevista a Vida Winter transformou-se numa espécie de rito de passagem para jornalistas. Sabiam mais ou menos com que contar, e ter-se-iam sentido desapontados por partir sem a história. Uma breve abordagem das perguntas normais (Aonde vai buscar inspiração? As suas personagens são baseadas em pessoas reais? Que*

parte da sua personagem principal é a senhora?) e quanto mais curtas as minhas respostas, mais eles gostavam (À minha cabeça. Não. Nenhuma.) Depois, aquilo por que esperavam, aquilo por que realmente tinham vindo. Perpassava-lhes pelas faces uma expressão sonhadora, expectante. Eram como crianças à hora de deitar. «E a senhora, Miss Winter», diziam. «Fale-me de si.»

E eu falava. Eram pequenas histórias simples, na realidade, nada de mais. Apenas alguns fios, tecidos de modo a formar um padrão bonito, um motivo memorável aqui, um par de lantejoulas além. Meros refugos do fundo da minha mala de retalhos. Havia centenas de onde esses tinham vindo. Cortes de romances e histórias, enredos que nunca haviam sido terminados, personagens nados-mortos, locais pitorescos para que nunca encontrara utilidade. Miudezas que caíam nas revisões. Depois é apenas uma questão de limar os cantos, rematar as pontas, e está feito. Mais uma biografia completamente nova.

Iam-se embora felizes. Apertando nas patorras os seus blocos como crianças com doces no fim de uma festa de anos. Seria algo para dizerem aos netos. Um dia conheci Vida Winter e ela contou-me uma história.

Mas voltemos ao rapaz do Banbury Herald. Disse ele: «Miss Winter, conte-me a verdade.» Ora que tipo de apelo é esse? As pessoas têm engendrado todo o género de estratégias para me levarem a falar, e eu descubro-os ao longe, mas isso? Risível. Quer dizer, o que é que ele esperava?

Boa pergunta. O que é que ele esperava? Os olhos brilhavam-lhe com uma determinação febril. Observava-me atentamente. A procurar. A perscrutar. Queria qualquer coisa específica, tive a certeza. Tinha a testa húmida de transpiração. Talvez estivesse a chocar alguma. «Conte-me a verdade», disse ele.

Experimentei no meu íntimo uma estranha sensação. Como se fosse o passado a animar-se. O agitar das águas de uma vida anterior rolando no meu ventre, criando uma maré que me inundou as veias e enviou pequenas ondas frias lamberem-me as fontes. A chocante excitação daquilo. «Conte-me a verdade.»

Reflecti no pedido dele. Considerei-o mentalmente, pesei as suas consequências prováveis. Perturbava-me, aquele rapaz, com o seu rosto pálido e os seus olhos ardentes.

«Está bem», acedi eu.

Uma hora mais tarde ele partia. Uma despedida tímida e distraída, e nem um olhar para trás.

Não lhe contei a verdade. Como poderia tê-lo feito? Conte-lhe uma história. Uma coisinha despojada, mal nutrida. Sem brilho, sem lantejoulas, apenas alguns remendos enfadonhos e desbotados, mal presos uns aos outros

*e com as pontas a desfiar. O género de história que se assemelha à vida real. Ou antes, aquilo que as pessoas imaginam ser a vida real, o que é muito diferente. Não é fácil a alguém com o meu talento criar uma história como aquela.*

*Fiquei a observá-lo da janela. Subiu a rua a arrastar os pés, de ombros descaídos, cabeça baixa, cada passo representando um esforço tremendo. Toda aquela sua energia, a carga, a verve, haviam desaparecido. Eu tinha-as morto. Não que me culpe inteiramente. Ele não devia ter acreditado em mim.*

*Não voltei a vê-lo.*

*Aquela sensação que experimentei — a corrente no interior do meu ventre, nas fontes, nas pontas dos dedos — acompanhou-me durante um certo tempo. Aparecia e desaparecia, com a recordação das palavras do rapaz. Conte-me a verdade. «Não», disse eu. Vezes sem conta. Não. Mas aquilo não se aquietava. Era uma distração. Mais do que isso, era um perigo. Por fim, fiz um acordo. «Ainda não.» Aquilo suspirou, debateu-se, mas acabou por se aquietar. De tal maneira que eu me esqueci.*

*Há quanto tempo isso foi. Trinta anos? Quarenta? Talvez mais. O tempo passa mais depressa do que pensamos.*

*Ultimamente tenho-me lembrado do rapaz. Conte-me a verdade. E ultimamente tenho sentido de novo aquela estranha agitação interior. Há uma coisa a crescer dentro de mim, a dividir-se e a multiplicar-se. Sinto-a no meu ventre, redonda e dura, mais ou menos do tamanho de uma toranja. Suga-me o ar dos pulmões e rói-me a medula dos ossos. A longa letargia modificou-a. Era uma coisa dócil e submissa e transformou-se num tirano. Recusa qualquer negociação, bloqueia discussões, insiste nos seus direitos. Não aceita um «não» como resposta. A verdade, ecoa ela, chamando pelo rapaz, observando as suas costas a afastar-se. E depois vira-se para mim, aperta a tenaz nas minhas entranhas, fá-la rodar. Fizemos um acordo, lembra-te?*

*Chegou a hora.*

*Venha na segunda. Mando um carro esperá-la ao comboio que chega às quatro e meia a Harrogate Station.*

*Vida Winter*

Quanto tempo permaneci sentada na escada depois de ler a carta? Não sei. Estava debaixo de um encantamento. Há qualquer coisa nas palavras. Em mãos habilidosas, manipuladas com perícia, elas aprisionam-nos. Enrolam-se em volta dos nossos membros como teias de aranha, e quando estamos tão enfeitiçados que não conseguimos mover-nos, perfuram-nos a pele, entram-nos no sangue, entorpecem-nos o pensamento. E uma vez dentro de nós, põem a sua magia a fun-

cionar. Quando, após muito tempo, voltei finalmente a mim, mal consegui imaginar o que se passara nas trevas do meu inconsciente. O que me fizera aquela carta?

Sabia muito pouco acerca de Vida Winter. Conhecia, naturalmente, os vários epítetos que vinham em geral atrelados ao seu nome: o escritor mais amado de Inglaterra; o Dickens da nossa era; o autor vivo mais famoso do mundo; e assim por diante. Sabia, é claro, que ela era popular, embora os números, quando mais tarde os investiguei, ainda constituíssem uma surpresa. Cinquenta e seis livros publicados em cinquenta e seis anos; traduzidos para quarenta e nove línguas; Miss Winter foi nomeada vinte e sete vezes o autor mais requisitado nas bibliotecas inglesas; houve dezanove filmes baseados nas suas obras. Em termos de estatísticas, a questão mais debatida é esta: terá ela vendido ou não mais exemplares do que a Bíblia? A dificuldade vem menos de calcular quantos livros ela vendeu (um número em permanente crescimento na casa dos milhões), do que de obter números fiáveis para a Bíblia. O que quer que se pense da palavra de Deus, os dados sobre as suas vendas são notoriamente duvidosos. O número que mais me poderia ter interessado enquanto ali fiquei sentada ao fundo das escadas, era o vinte e dois. Tal era o número dos biógrafos que, por falta de informação, ou de encorajamento, ou após incentivos ou ameaças da própria Miss Winter, haviam sido persuadidos a desistir de tentar descobrir a verdade acerca dela. Mas nessa altura eu ignorava tudo isso. Conhecia apenas uma estatística, e essa parecia-me relevante: quantos livros de Vida Winter tinha eu, Margaret Lea, lido? Nenhum.

Senti um arrepio, bocejei e espreguicei-me. Voltando a mim, descobri que os meus pensamentos haviam sido reordenados na minha ausência. Dois itens em particular tinham sido seleccionados de entre os detritos negligenciados que constituem a minha memória e trazidos à minha atenção.

O primeiro era uma pequena cena que envolvia o meu pai e se desenrolava na loja. Estamos a desempacotar uma caixa de livros proveniente do espólio de uma biblioteca particular que inclui um certo número de obras de Vida Winter. Na loja, não lidamos com ficção contemporânea. «Eu levo-os para as obras de beneficência durante o meu intervalo de almoço», digo eu, e deixo-os a um lado da secretária. Mas antes que a manhã se escoe, três dos quatro livros desaparecem. Vendidos. Um a um sacerdote, outro a um cartógrafo, outro a um historiador militar. As caras dos nossos clientes — com a habitual palidez exterior e brilho interior dos amantes de livros — parecem iluminar-se ao avistarem as cores quentes das sobrecapas. Depois do almoço,



quando acabamos de desempacotar, catalogar e arrumar, e não temos clientes, sentamo-nos a ler como de costume. Estamos no fim do Outono, chove e as janelas ficaram embaciadas. Em fundo, o assobio do aquecimento a gás; ouvimos o som sem realmente o ouvir, lado a lado, juntos e a quilómetros de distância, profundamente embrenhados nos nossos livros.

— Faço chá? — pergunto eu, emergindo.

Não obtenho resposta.

Preparo na mesma o chá, e pouso uma chávena ao lado dele, na secretária.

Uma hora depois, o chá intocado está frio. Faço um novo bule e coloco outra chávena a ferver na secretária a seu lado. Ele não dá por qualquer dos meus movimentos.

Suavemente, inclino o volume entre as suas mãos para poder ver a capa. É o quarto Vida Winter. Reponho o livro na sua posição original, e observo o rosto do meu pai. Ele não me ouve. Não me vê. Está noutra mundo, e eu não passo de um fantasma.

Essa era a primeira recordação.

A segunda é uma imagem. A três quartos, profundamente esculpida em luz e sombra, uma cara domina os passageiros que aguardam, paralisados, debaixo dela. É apenas uma fotografia publicitária colada num tapume de uma estação de caminho-de-ferro, mas para mim possui a grandiosidade impassível de rainhas há muito esquecidas e divindades gravadas em rocha por antigas civilizações. Contemplar o requintado arco do olho, a curva ampla e suave das faces, a linha e proporções impeccáveis do nariz, é maravilhar-mos por a aleatória variação humana poder produzir algo tão sobrenaturalmente perfeito como isto. Aqueles ossos, descobertos pelos arqueólogos do futuro, pareceriam um artefacto, um produto não da natureza mal apetrechada, mas do cúmulo do empenho artístico. A tez que embeleza ossos tão notáveis possui a luminosidade opaca do alabastro, e parece ainda mais pálida em contraste com as elaboradas madeixas e caracóis do cabelo cor de cobre, dispostos com tanta precisão nas delicadas fontes e ao longo do pescoço firme e elegante.

E como se essa beleza extravagante não fosse suficiente, há os olhos. Intensificados por um qualquer artifício fotográfico para um verde inumano, o verde do vidro num vitral de igreja, ou de esmeraldas, ou de doces cristalizados, eles fixam-se acima das cabeças dos passageiros com uma total falta de expressão. Não sei dizer se os outros viajantes desse dia sentiram o mesmo que eu a respeito da imagem; eles tinham lido os livros, portanto podiam ter uma perspectiva diferente das coi-

sas. Mas a mim, ao fitar aqueles enormes olhos verdes, não pode deixar de me ocorrer a frase vulgar acerca de os olhos serem o espelho da alma. Esta mulher, lembro-me de ter pensado ao fitar os seus olhos verdes que não viam, não tem alma.

Era este, na noite da carta, o âmbito dos meus conhecimentos a respeito de Vida Winter. Não era muito. Embora, reflectindo bem, talvez fosse o máximo que alguém pudesse saber. Pois embora toda a gente conhecesse Vida Winter — conhecesse o seu nome, conhecesse a sua cara, conhecesse os seus livros —, ao mesmo tempo ninguém a conhecia. Tão famosa pelos seus segredos como pelas suas histórias, ela constituía um perfeito mistério.

Agora, se acreditássemos na carta, Vida Winter queria contar a verdade a respeito dela. Isto já era suficientemente curioso só por si, mas ainda mais curioso foi o meu pensamento seguinte: por que haveria ela de a querer contar a *mim*?